

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

FRANCISCO HELDER SILVA MARTINS

**VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES PARA O NÃO USO DOS MÉTODOS
CONTRACEPTIVOS: revisão bibliográfica**

PICOS-PIAUI

2013

FRANCISCO HELDER SILVA MARTINS

**VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES PARA O NÃO USO DOS MÉTODOS
CONTRACEPTIVOS: revisão bibliográfica**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^aMs.Suyanne Freire de Macêdo

PICOS-PIAÚÍ

2013

Eu, **Francisco Helder Silva Martins**, abaixo identificado (a) como autor (a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 26 de Abril de 2013.

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

M386v Martins, Francisco Helder Silva.

Vulnerabilidade dos adolescentes para o não o uso dos métodos contraceptivos: revisão bibliográfica – 2013.

CD-ROM: il.; 4 ¼ pol. (44 p.)

Monografia (Bacharelado em Enfermagem) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

Orientador (A): Profa. MS. Suyanne Freire de Macêdo

1. Adolescente. 2. Contracepção. 3. Vulnerabilidade. I. Título.

CDD 613.94

FRANCISCO HELDER SILVA MARTINS

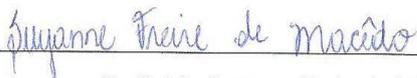
**VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES PARA O NÃO USO DOS MÉTODOS
CONTRACEPTIVOS: revisão bibliográfica**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^aMs.Suyanne Freire de Macêdo

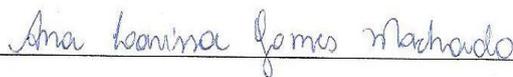
Data da Aprovação: 17/04/ 2013

BANCA EXAMINADORA



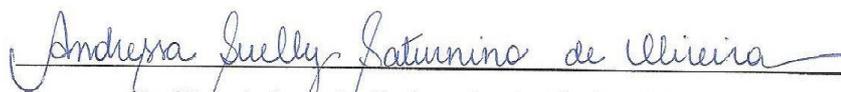
Prof.^a Ms. Suyanne Freire de Macêdo (Orientadora)

Universidade Federal do Piauí /Campus Senador Helvídio Nunes de Barros



Prof.^a Ms. Ana Larissa Gomes Machado (1º Membro efetivo)

Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros



Prof.^aMs. Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (2º Membro efetivo)

Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos meus pais, Antônio Alves e Maria de Fátima Silva Martins (*in memoriam*) MÃE essa vitória é nossa, pois com todo amor que você deixou dentro de mim, só assim pude superar todas as batalhas que a vida me proporcionou, queria muito que a senhora estivesse ao meu lado, podendo assim, gritar, pular e dizer bem alto: MÃE EU VENCI!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças e coragem de atravessar barreiras e ultrapassar dificuldades que essa vitória me trouxe.

A minha mãe (FÁTIMA) pessoa que mais lutou pra chegar onde estou hoje, agradeço a ela por ter me apoiado até nos seus últimos de vida, mãe eu TE AMO, obrigado por tudo que a senhora me proporcionou nesta vida.

Ao meu pai, que sempre me trouxe palavras de motivação e nunca deixou de me apoiar nas horas mais difíceis.

As minhas irmãs Mônica, Adoriles, Kátia, Lorena e Maria Antônia pelo incentivo que todas me deram para enfrentar esta batalha sempre de cabeça erguida e com muita fé.

A minha orientadora, Prof.^aMs. Suyanne Freire de Macêdo por seu comprometimento em sempre me ajudar em todas as dúvidas que tinha, obrigado pela compreensão que sempre teve no decorrer do trabalho, enfim obrigado por tudo o que senhora me proporcionou nesses meses de estudo.

Aos membros da banca, pela disponibilidade e o certo enriquecimento ao meu estudo.

Aos professores da Universidade Federal do Piauí, que se dedicam inteiramente a essa profissão formidável que nos molda e nos coloca no caminho a ser seguido.

Aos meus amigos de curso pela amizade e companheirismo. Em especial as minhas amigas de sala Iane Borges, Letícia Gonçalves e Thalyta Alencar por sempre contar com elas.

Agradecer a minha grande amiga “ELISSANY DE FREITAS” (In Memoriam), pelo tempo que tivemos juntos, obrigado pela sua amizade, pois jamais te esqueceria. Muitas saudades de você amiga.

Agradeço a minha noiva Wedna, por sempre estar ao meu lado, me dando apoio e me ajudando nas horas mais difíceis, pela compreensão, por minha ausência, muito obrigados.

A toda minha família pelo apoio e por continuamente acreditarem na minha vitória. OBRIGADO a todos.

RESUMO

A vulnerabilidade dos adolescentes frente ao uso não dos métodos contraceptivos é um problema de saúde pública tanto no Brasil como em muitos outros países do mundo. Já que é nesta fase que o adolescente encontra-se mais vulnerável à gravidez não planejada, às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Aids, à experimentação de drogas, exposição aos acidentes em decorrência do comportamento desafiador, além de diferentes formas de violência. O estudo objetivou analisar os recursos e fontes de informações disponíveis acerca das vulnerabilidades dos adolescentes para o não uso dos métodos contraceptivos. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a março de 2013, na base de dados LILACS. Nesta pesquisa foram encontrados 257 artigos. Destes, 183 foram provenientes dos descritores adolescente/contracepção e 74 dos descritores adolescente/vulnerabilidade. Os artigos foram analisados segundo um instrumento retirado da monografia de Silva (2011). Os resultados mostraram que o ano de 2009 com cinco, foi o ano que mais publicou e que o ano de 2007 foi o ano que menos publicou, os autores da região Sudeste foram os que mais publicaram com 8, a região norte e sul não publicaram nenhum periódico. Houve uma grande prevalência de trabalhos publicados do tipo transversal representando por 12 artigos. O local mais comum utilizados para pesquisas nos artigos estudados foram as Escolas com 7. Para este estudo foram encontrados artigos em 12 revistas diferentes. Pretende-se publicar esta pesquisa em eventos científicos da enfermagem, através de periódicos da área. A pesquisa sobre o assunto é essencial para que através das informações fornecidas por tal estudo seja possível uma investidura em soluções de problemas que serão conhecidos e que com isso forneça um avanço para o planejamento de suas dissoluções.

Palavras Chave: Adolescente. Contracepção. Vulnerabilidade.

ABSTRACT

The vulnerability of adolescents against the use of contraception is a public health problem in Brazil and many other countries worldwide. Since it is at this stage that the adolescent is more vulnerable to unplanned pregnancy, sexually transmitted diseases (STDs) and AIDS, to experimentation with drugs, exposure to accidents due to challenging behavior, as well as different forms of violence. The study aimed to analyze the resources and sources of information available about the vulnerability of adolescents to not use contraceptive methods. This is a survey of literature review, exploratory and descriptive. Data collection was conducted from February to March 2013, the LILACS database. This research found 257 articles. Of these, 183 were from the descriptors teen / contraception and 74 descriptors teen / vulnerability. Articles were analyzed according to an instrument taken from the monograph by Silva (2011). The results showed that the year 2009 with five, was the year that most published and that the year 2007 was the year that less published, the authors of the Southeast were the most published with 8, the northern and southern no published no journal. There was a high prevalence of published transversal accounting for 12. The most common site used for research in the Schools articles were studied with 7. For this study we found articles in 12 different magazines. It is intended to publish in scientific research is nursing through journals. Research on the subject is essential for using the information provided by such a study is possible an endowment for solutions to problems that are known and thus provide a breakthrough for planning their pernicious.

Keyword: Adolescent Contraception and vulnerability.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A/C	Adolescente e contracepção
A/V	Adolescente e vulnerabilidade
AE	Anticoncepção de Emergência
DIU	Dispositivo Intra - Uterino
IST	Infecção Sexualmente Transmissível
HPV	Papiloma Vírus Humano
LILACS	Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciência da Saúde
MC	Métodos Contraceptivos
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNDS	Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde
PROSAD	Programa de Saúde do Adolescente
USF	Unidade da Saúde da Família

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Seleção dos artigos analisados, Picos (PI), 2013.....	22
Quadro 2 - Análise descritiva dos estudos revisados sobre a vulnerabilidades dos adolescentes para o uso não dos métodos contraceptivos (2007-2012), Picos (PI), 2013.....	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos artigos de acordo com os tipos de estudos analisados, Picos (PI), 2013.....	26
Tabela 2 -Seleção dos locaisde investigação, Picos (PI), 2013.....	27
Tabela 3 - Classificação dos Periódicos de publicação, Picos (PI), 2013.....	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Categorização quanto aos Anos de publicação, Picos (PI), 2013.....	29
Gráfico 2 - Classificação quanto as Regiões do país, Picos (PI), 2013.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS.....	16
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	17
3.1 Vulnerabilidades dos adolescentes ao não uso dos métodos contraceptivos...	17
3.2 Anticoncepção na adolescência.....	19
4 METODOLOGIA.....	21
5 RESULTADOS.....	22
6 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	31
7 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXO.....	43

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta caracterizada por várias mudanças fisiológicas, corporais e psicológicas, onde ocorre surgimento das características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade, estruturação da personalidade, adaptação ambiental e integração social.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é o período compreendido entre os 10 aos 19 anos. Este período é marcado pelo início da vida reprodutiva. Onde tais transformações e adaptações devem transcorrer de forma saudável, a fim de que não tragam problemas futuramente quanto a sua saúde mental, social e espiritual.

Nessa perspectiva a vulnerabilidade dos adolescentes frente ao uso dos métodos contraceptivos (MC) é um problema de saúde pública tanto no Brasil como em muitos outros países do mundo (VIEIRA, et al., 2006). Já que é nesta fase que o adolescente encontra-se mais vulnerável à gravidez não planejada, às Infecções sexualmente transmissíveis (IST), entre as quais HPV e Aids, à experimentação de drogas, exposição aos acidentes em decorrência do comportamento desafiador, além de diferentes formas de violência.

No Brasil, a prevalência no uso dos (MC) é alta, porém concentrada na esterilização tubária (laqueadura) e na pílula anticoncepcional, utilizadas por 40% e 21% das mulheres, respectivamente. Entre os adolescentes, os métodos mais utilizados são o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional (ALVES et al., 2007).

No Piauí a situação da gravidez precoce é crítica. Em 2007 o índice de gravidez na adolescência alcançou 33,3%, tendo municípios que chegam à quase 50%. Em Teresina no mesmo ano de, foram identificadas 95 meninas entre 10 e 14 anos e 3.543 entre 15 e 20 anos de idade grávidas (MENEZZO, 2008). No município de Picos, os números de cadastros de gravidez precoce envolvendo as Unidades da Saúde da Família (USF), de acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde (2011), demonstram que a gravidez na adolescência teve uma ocorrência média mensal na zona urbana e rural respectivamente de 73 e 24 gestantes menores de 20 anos de idade. Quanto ao quadro anual o número de gestante foi de 870 gestantes na zona urbana e de 291 gestantes na zona rural, cadastradas nas Unidades de Saúde Família da região de Picos, somando um total de 1.161 gestantes menores de 20 anos de idade no ano de 2010.

Especialistas em adolescência alertam que de 1,1 milhão de adolescentes parturientes de 15 a 19 anos no Brasil, 25% já tem um filho. O fato mais preocupante é que grande parte das mesmas afirma que a sucessiva gravidez não foi planejada. Um dos fatores

que tem sido apontado como importante na recorrência da gravidez entre os jovens é a negligência quanto à contracepção, considerando-se que adolescentes com vida sexual ativa estão expostos a uma nova gravidez dentro de um ano se não for utilizado nenhum método contraceptivo, com chance de nove para cada dez adolescentes (NERY et al., 2011).

De acordo com Vieira et al., (2006) raramente na prática ou no contato com jovens no ambiente escolar, depara-se com um adolescente que negue ter recebido informações sobre opções contraceptivas, porém vários estudos revelam o uso inadequado, assim como relações sexuais desprotegidas e deficiência dos serviços de saúde para atendimento e acompanhamento de jovens nessa faixa etária.

O conhecimento sobre os métodos contraceptivos e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas é fundamental para que os adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável assegurando a prevenção da gravidez indesejada e das DST/Aids, além de ser um direito que possibilita cada vez mais, ao ser humano, o exercício da sexualidade desvinculado da procriação (VIEIRA et al., 2006).

Os adolescentes nem sempre usam métodos contraceptivos que os proteja contra gravidez indesejada e IST/Aids na sua primeira relação sexual. Estudos revelam que o contágio pelo HPV (papiloma vírus humano), principal agente oncogênico do câncer de colo uterino, ocorre no início da vida sexual na adolescência ou por volta dos 20 anos. A incidência do HPV em adolescentes foi demonstrada em estudos, revelando taxa de 27%; destas, 28,5% apresentaram na genotipagem molecular material genético viral de alto risco oncogênico (CIRINO, et al., 2010).

Com base nesses dados, o estudo levanta o questionamento sobre os estudos já realizados quanto a produção de informações acerca da vulnerabilidade dos adolescentes para o não uso dos métodos contraceptivos. Interroga-se onde estão sendo realizados estes estudos, bem como, a variação da produção ao longo do tempo, o tipo de estudo e os periódicos onde estão publicando.

Esse estudo é relevante, pois enquanto acadêmico foi possível conhecer muitos casos de adolescentes grávidas e infectadas por algum tipo de IST, sendo que a maioria relatava sempre usar algum tipo de MC, mas acabavam engravidando e se infectando novamente, assim surgiu o interesse sobre o porquê dessas jovens não usarem os métodos contraceptivos e a forma encontrada foi estudar as vulnerabilidades dos adolescentes.

Borges et al. (2010) dizem que o aprendizado sobre os MC e a negociação com o(a) parceiro(a) são um desafio na regulação da sexualidade juvenil. Já que seu comportamento contraceptivo na juventude apresenta uma dinâmica própria, em que o perfil

no uso dos MC modifica-se conforme o tipo de relacionamento afetivo-amoroso estabelecido entre os parceiros, ou seja, se é eventual, recente ou estável.

Ao considerarmos o enfoque da promoção da saúde, a enfermagem tem uma importante contribuição a dar à saúde dos adolescentes, com abordagem que leve em consideração os vários processos de vulnerabilidade, necessidades e agravos sobre esse tema. É importante que os profissionais da saúde estejam preparados para respeitar a autonomia de livre escolha e oferecer informações e acompanhamento adequado, já que esse é um dos principais papéis da Enfermagem, orientar visando sempre uma assistência de qualidade.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Analisar os recursos e fontes de informações disponíveis acerca da vulnerabilidade dos adolescentes para o não uso dos métodos contraceptivos.

2.2 ESPECÍFICOS

- Identificar as vulnerabilidades dos adolescentes relatadas pelos estudos.
- Analisar os resultados dos artigos, a partir das variáveis: ano de publicação, base de dados, região do país, tipo de estudo, local de investigação e periódico de publicação.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Vulnerabilidades dos adolescentes ao não uso dos métodos contraceptivos

A anticoncepção é um tema muito importante, especialmente na adolescência considerando a relevância social conferida nessa faixa etária. Surge uma proposta fundamental de prevenção onde deve ser vista como processo do qual é parte relevante a esta fase da vida, ou seja, a vulnerabilidade dos adolescentes ao não uso dos métodos contraceptivos e os riscos que estão expostos. Alguns desses riscos estão relacionados ao exercício inadvertido ou impensado da sexualidade, cujas consequências são bem conhecidas: DST/Aids, câncer do colo uterino e gravidez precoce.

Segundo Neto et al. (2007) outro aspecto está relacionado ao desenvolvimento sexual e a capacidade reprodutiva, que tem uma grande influência na formação do adolescente e no surgimento das crises. O ser humano ao chegar à adolescência, sofre transformações sexuais, chegando à maturidade sexual, culminando com a capacidade reprodutiva. Contudo, muitas vezes, ele fica exposto aos riscos e perigos pertinentes a esta fase da vida. A falta de uma orientação sexual tanto na escola, como também, principalmente na família, leva o adolescente à desinformação, e conseqüentemente ao uso incorreto dos MC.

Para Marinho et al. (2009) ao se investigar o uso de contracepção na primeira relação sexual é necessário considerar a multiplicidade de fatores envolvidos em uma prática que é sobretudo relacional. Deve-se, portanto, descrever a prevalência da contracepção através dos indicadores clássicos, tais como faixa etária, conhecimento, fonte de informação e de obtenção dos métodos, bem como os tipos de contraceptivos utilizados e as razões para o não uso. A monitoração sistemática desses fatores tem sido fonte preciosa no conhecimento do uso dos métodos.

Os diferentes MC são conhecidos pelos profissionais da saúde, da educação e também pela maioria da população em idade reprodutiva. Porém, a eficácia e a utilização correta nem sempre é explorada, principalmente com os adolescentes, os quais têm iniciado cada vez mais precocemente as atividades sexuais, sem, contudo receberem ou buscarem informações acerca da contracepção (VIEIRA, et al., 2006).

O conhecimento objetivo sobre métodos contraceptivos foi classificado de acordo com estudo realizado por Rock et al. (2005). Foram feitas quatro perguntas relativas aos MC; considerando-se perguntas relativas às principais características inerentes aos mesmos e os principais motivos de uso incorreto dos métodos contraceptivos.

Acreditava-se que o conhecimento objetivo sobre contraceptivos fosse responsável pela determinação do comportamento de risco, no entanto, estudos mais recentes têm demonstrado a inconsistência na relação do conhecimento objetivo com comportamento sexual de riscos (SOUSA et al., 2009).

Segundo Ministério da Saúde vem sendo aumentando às campanhas destinadas aos adolescentes e à ampliação do acesso aos métodos contraceptivos. Só no ano passado, foram investidos R\$ 3,3 milhões nas ações de educação sexual e reforço na oferta de preservativos aos jovens brasileiros. Nos últimos dois anos, 871,2 milhões de camisinhas foram distribuídas (BRASIL, 2010).

Os adolescentes também recebem o apoio de um profissional de saúde para avaliar qual é o método contraceptivo mais adequado ao estilo de vida dos parceiros. Entre as opções, estão as pílulas anticoncepcionais, a injeção de hormônios e o DIU. A dupla proteção – o uso do método contraceptivo associado ao preservativo – é recomendada para que, além de evitar uma gravidez, os jovens se previnam de DST e Aids (BRASIL, 2010).

Para Poletto et al. (2009) a temática relativa a fatores de proteção diante de condições de vulnerabilidade vem sendo tratada com respeito à saúde integral de adolescentes. Fatores de proteção são aquelas condições que moderam a relação entre os riscos e o desenvolvimento do sujeito, como influências que modificam, melhoram ou alteram suas respostas pessoais a determinados riscos. Um evento negativo de vida poderá ser considerado como fator de risco quando sua presença aumenta a probabilidade de provocar problemas físicos, sociais ou emocionais.

Para Carreno et al. (2006) do ponto de vista da saúde coletiva, o conhecimento do padrão de consumo dos métodos contraceptivos e das características das usuárias pode subsidiar as políticas públicas quanto à adequação da utilização e da disponibilidade dos meios para a população.

A gravidez na adolescência e não utilização dos MC decorre, principalmente, da não utilização de métodos contraceptivos e, em menor porcentagem, da utilização inadequada desses métodos. Nessas circunstâncias, as ações de prevenção assumem papel de suma importância, devendo incluir não apenas a oferta de preservativos feminino e masculino e os demais MC, mas também a garantia de espaço para que o adolescente possa falar de si próprio, trocar experiência e receber informações que favoreçam a adoção de hábitos saudáveis de vida. Estudo realizado na América Latina demonstrou que menos de 20% dos homens e de 15% das mulheres usavam algum MC na primeira relação (GURGEL et al., 2008).

3.2 Anticoncepção na adolescência

No que concerne à vulnerabilidade dos adolescentes ao não uso dos métodos contraceptivos, atualmente no Brasil e nos países em desenvolvimento, ela é considerada um risco social e um grave problema de saúde pública, devido, principalmente, a sua magnitude e amplitude, como também, aos problemas que dela derivam. Dentre este se destacam: o não uso dos métodos contraceptivos e os riscos durante a gravidez (NETO et al., 2007).

Analisando-se os dados da pesquisa de 2006, referentes ao uso de algum MC entre todas as mulheres, observou-se que 55,3% das adolescentes (com idade entre 15 e 19 anos) já usaram algum método moderno. Entre jovens (idade entre 20 e 24 anos), esse dado sobe para 86,7%. Quanto ao uso da anticoncepção de emergência (AE), os menores índices estão entre os adolescentes (10,4%) e os maiores índices encontram-se na faixa etária compreendida entre 20 e 24 anos (18,5%), seguida do grupo de mulheres com idade entre 25 e 29 anos (16,9%). Ainda sobre o uso da AE entre adolescentes, ressalta-se que esse método é o terceiro mais usado entre mulheres de 15 a 19 anos (10,4%), ficando atrás apenas do uso da camisinha masculina (50,3%) e da pílula (36,8%) (BRASIL, 2008).

Segundo Gurgel et al. (2008) o uso dos MC constitui desafio para as políticas públicas no contexto da promoção da saúde e traz à tona questões relevantes sobre esse problema, no momento em que há o desafio de fornecer aos adolescentes subsídios para viver sua sexualidade de forma plena e com planejamento de anticoncepção ou concepção, no âmbito da promoção da saúde.

Estudos que correlacionam o desenvolvimento socioeconômico com o nível de conhecimento das adolescentes acerca da utilização dos métodos contraceptivos constatam que as jovens de nível socioeconômico mais elevado apresentam um conhecimento mais apurado sobre o uso dos métodos contraceptivos (SPINDOLO et al., 2012).

Sousa (2009) retrata que dentre os métodos contraceptivos observam-se os hormonais orais como os mais conhecidos, bem como os mais utilizados por adolescentes, apesar de não proporcionar proteção contra as DST, o que leva a ser recomendado o uso concomitante de preservativo até mesmo para aumentar a eficácia dos contraceptivos hormonais, em especial entre adolescentes. Embora pesquisas mostrem o conhecimento sobre contracepção como adequado, outros estudos sugerem que este conhecimento seja superficial, limitando-se somente a tomar conhecimento da existência dos métodos, sem conhecer sobre uso correto, indicações, contra-indicações, efeitos colaterais. Tratando-se assim, portanto, de um conhecimento um qualitativamente questionável.

Constatamos que os jovens ainda sabem pouco sobre MC, cujo conhecimento restringe-se ao anticoncepcional oral e injetável e ao preservativo masculino. Contudo, o uso

destes dispositivos não é contínuo ou adequadamente acompanhado por profissional de saúde. Tanto a sexualidade quanto o ato sexual são fortemente influenciados pelas imagens de sensualidade difundidas pelos meios de comunicação, porém, com visível déficit de informação sobre a temática, denotando ausência de espaços de discussão sobre o tema no cotidiano desses jovens, condição que muitas vezes se associa ao frequente despreparo dos profissionais para relacionar-se com a adolescente (KOERICHE et al., 2010).

Considerando que a vulnerabilidade dos pode ser prevenida, é necessário considerar a inclusão da população de adolescentes nos programa de saúde do adolescente (PROSAD) com ênfase em I, e considerar a assistência a esta faixa etária como uma das prioridades na atenção primária à saúde. Estes programas devem focar, além dos aspectos citados, também motivação para estudos, trabalhos e aspectos relacionados a comportamento, relação familiar e sexualidade (YAZLLE et al., 2009)

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, exploratória e descritiva. De acordo com Gil (2010), a revisão bibliográfica é um estudo que inteiramente depende de outros estudos já realizados, onde se faz um levantamento do que já foi publicado sobre determinado assunto. Sua principal vantagem é que ela permite uma cobertura do tema muito maior que o pesquisador possa pesquisar diretamente.

As pesquisas exploratórias são utilizadas para tornar o tema pesquisado mais comum ao leitor, sem interferir ou adicionar qualquer opinião, permitindo que o leitor faça suas próprias interpretações dos escritos sobre o tema. As pesquisas descritivas são aquelas que descrevem o assunto estudado e relacionam suas variáveis produzindo mais informações (GIL 2010).

Os descritores utilizados foram: adolescente, vulnerabilidade e contracepção. A coleta de dados foi realizada no período de fevereiro a março de 2013, na base de dados LILACS, os critérios de inclusão foram: artigos em português e com textos completos disponíveis online; publicados no período de 2007 -2012 e relacionados à temática.

Nesta pesquisa foram encontrados 74 artigos com os descritores (Adolescente - Contracepção (A/C)), 183 com Adolescente-Vulnerabilidade (A/V). Desses foram utilizados apenas 14 do primeiro grupo (A/C) e do segundo grupo (A/V) porque abordavam a temática requerida.

Os artigos foram analisados segundo um instrumento de análise o formulário (Anexo - A) retirado da monografia de Silva(2011) onde, constaram algumas variáveis de análise como: ano de publicação, região do país, local de estudo, periódico de publicação, tipo de estudo, e base de dados.

Os periódicos de publicação são inúmeros e neste estudo foram analisados 12 periódicos diferentes e entre eles se destacou a Revista Brasileira de Enfermagem com 3 periódicos, a sua classificação é QUALIS A2. De acordo com a classificação no qualis, a avaliação dos periódicos passa por um processo anual de atualização, sendo enquadrados em estratos indicativos da qualidade. O Qualis Periódicos está dividido em oito estratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Para ser incluído nos quatro estratos superiores, o periódico deve ter fator de impacto medido pelo Institute for Scientific Information (ISI). Logo pode perceber-se que artigos analisados têm um impacto relevante entra a comunidade acadêmica.

Os dados foram apresentados em forma de tabelas, quadros, e gráficos para melhor visualização dos resultados, e analisados a parti da literatura específica.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, o estudo não necessitou da avaliação por um Comitê de Ética em Pesquisa. Não se fez necessário também solicitar permissão do estudo às fontes de informações utilizadas, pois o material está disponível na internet, de livre acesso.

METODOLOGIA

Quadro 1 – Seleção dos artigos analisados, PicosPI), 2013.

Nº da busca	Descritores Utilizados*	Resultado	Texto em português	Texto completo	Período 2007-2012	Corresponde ao assunto estudado	Artigos Repetidos	Artigos incluídos
		Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº
1	Adolescente / Vulnerabilidade	183	139	75	75	4	0	4
2	Adolescente / Contracepção	74	43	27	27	14	0	14
Total	_____	257	182	102	102	18	0	18

O Quadro 1 mostra a seleção dos artigos pesquisados na base de dado utilizada, fazendo uma demonstração de como se chegou aos números de artigos finais da pesquisa. Observa-se que a maioria de artigos foi encontrada utilizando-se com os descritores adolescente / contracepção.

No Quadro 2 está apresentada a análise descritiva dos estudos revisados sobre a vulnerabilidade dos adolescentes para o uso dos métodos contraceptivos

Quadro 2 - Análise descritiva dos estudos revisados sobre a vulnerabilidade dos adolescentes para o uso nos métodos contraceptivos (2007-2012), Picos (PI), 2013.

Estudo	Periódico	Título	Delineamento	Local de pesquisa
PAIVA,V. et al.,2008	Revista de Saúde Pública	Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros	Transversal	Domicílio (SP)
ALVES,C.A.; BRANDÃO, E.R.,2009	Ciência e Saúde Coletiva	Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção a saúde	socioantropológico	Rio de Janeiro (RJ)
DIAS,F.L.A. Et al., 2010	Revista Enfermagem UERJ	Riscos e vulnerabilidades relacionados á sexualidade na adolescência	Pesquisa-Ação	Escolas públicas de Fortaleza (CE)
JESUS,F.B. et al., 2011	Revista Gaúcha de Enfermagem	Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente	Transversal	Escolas Estaduais de Cuiabá (MT)
ROMERO,K. C. et al., 2007	Revista da Associação Médica Brasileira	O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo	Transversal	Escola Estadual Guararema (SP)
SILVA,N.C.B Et al., 2007	Paidéia (Ribeirão Preto)	Proposta de instrumento para avaliar conhecimento de jovens sobre métodos contraceptivos	Não Refere	Escolas Públicas e particulares de (SP)

BASTOS, F.J.; CUNHA, C.B., 2008	Revista de Saúde Pública	Uso de substâncias psicoativas e métodos contraceptivos pela população urbana brasileira, 2005	Exploratório	Grandes Regiões Urbanas do Brasil
ALVES, A.S.; LOPES, M.H.B.M., 2007	Revista Brasileira de Enferme m	Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários	Descritivo/ Transversal	Universidade Pública do Estado de (SP)
ALVES, A.S.; LOPES, M.H.B.M., 2008	Revista Brasileira de Enferme m	Uso dos Métodos contraceptivos entre adolescentes universitários	Descritivo/ Transversal	Universidade Pública do Estado de (SP)
MARINHO, L.F.B. et al., 2009	Cadernos de Saúde Pública	Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras	Transversal	Salvador/Rio de Janeiro/Porto Alegre
BRANDÃO, E.R., 2009	Ciência e Saúde Coletiva	Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde	Socioantropo lógico	Salvador/Rio de Janeiro/Porto Alegre
CASTRO, J.F.F.; RODRIGUES, V.M. C., 2009	Revista da Escola de Enferme m da USP	Conhecimento e atitudes dos jovens face á contracepção de emergência	Descritivo /Transversal	Escolas de (SP)
MENDONÇA, R.C. M.; ARAÚJO, T.M.E ., 2009	Escola Anna Nery	Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí	Transversal	Escolas Públicas na cidade de Teresina/Florian o/Bom Jesus

BORGES,A.L.V. et al., 2010	Cadernos de Saúde Pública	Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso de anticoncepção de emergência	Transversal	Universidade Pública do Estado de (SP)
MENDONÇA.R.C. M.;ARAÚJO,T.M.E., 2010	Revista Brasileira de Enfermagem	Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes	Revisão Sistemática de Literatura	Bancos de Dados- CAPES
MENDES,S.S. et al., 2011	Revista Paulista de Pediatria	Saberes e atitudes dos adolescentes frente á contracepção	Transversal	Escolas Estaduais de Cuiabá
DUARTE,H.H.S. et al., 2011	Revista Paulista de Pediatria	Utilização dos métodos contraceptivos por adolescentes do sexo feminino da Comunidade Restinga e Extremo Sul	Transversal	Comunidade Distrital Restinga/ Extremo Sul
BAHAMONDES.L. et al., 2011	Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	Fatores associados á descontinuação ao uso de anticoncepcionais orais combinados	Transversal	Consultórios privados e públicos de todo Brasil

Pela observação do quadro acima se pode ver que sete dos artigos foram publicados em São Paulo, o outro estado que se mostrou bastante significativo na publicação de trabalhos sobre o tema em questão foi Cuiabá e o Piauí com duas publicações respectivamente.

A tabela 1 apresenta-se com os tipos de estudo encontrados nos artigos utilizados.

Tabela 1 –Distribuição dos artigos de acordo com os tipos de estudos analisados, Picos (PI), 2013

Variáveis	n
Transversal	12
Descritivo e Transversal	3
Pesquisa Ação	1
Socioantropológico	2
Revista Sistemática de Literatura	1
Exploratório	1
Não Refere	1

Quando se buscou quantificar os tipos de estudo encontrados no trabalho, percebeu-se que há uma maior prevalência de trabalhos publicados do tipo transversal representado por doze. A maior vantagem dos estudos transversais sobre as pesquisas prende-se a prontidão com que se podem tirar conclusões e com a não existência de um período de seguimento. Estas questões tornam os estudos transversais mais rápidos, mais baratos, mais fáceis em termos logísticos e não sensíveis a problemas como as perdas de seguimento e outros, característicos dos estudos longitudinais (LOBIONDO_WOOD G., 2001).

A tabela2 mostra a distribuição dos locais de investigação que foram utilizados pelos trabalhos analisados

Tabela 2 – Seleção dos Locais de investigação, Picos(PI), 2013.

Variáveis	n
Domicilio	5
Escolas	7
Universidade	3
Bancos de Dados	1
Comunidades	1
Consultório	1

A tabela mostra dados referentes aos locais de investigação, onde o local mais comum para as pesquisas nos artigos estudados foram as escolas com sete. É de grande importância investigação desses dados, já que este é um dos principais locais responsáveis pela educação dos adolescentes, incluindo assim também uma melhor participação dos profissionais de educação em cima das transformações socioculturais ligadas à questão sexual e ao processo de formação dos adolescentes, pois, esses trabalhadores possuem informações insuficientes sobre o tema o que concorre para a necessidade da criação e implementação de novas estratégias para atrair o interesse dos adolescentes.

A tabela 3 demonstra como está distribuída os Periódicos de publicação dos artigos do estudo.

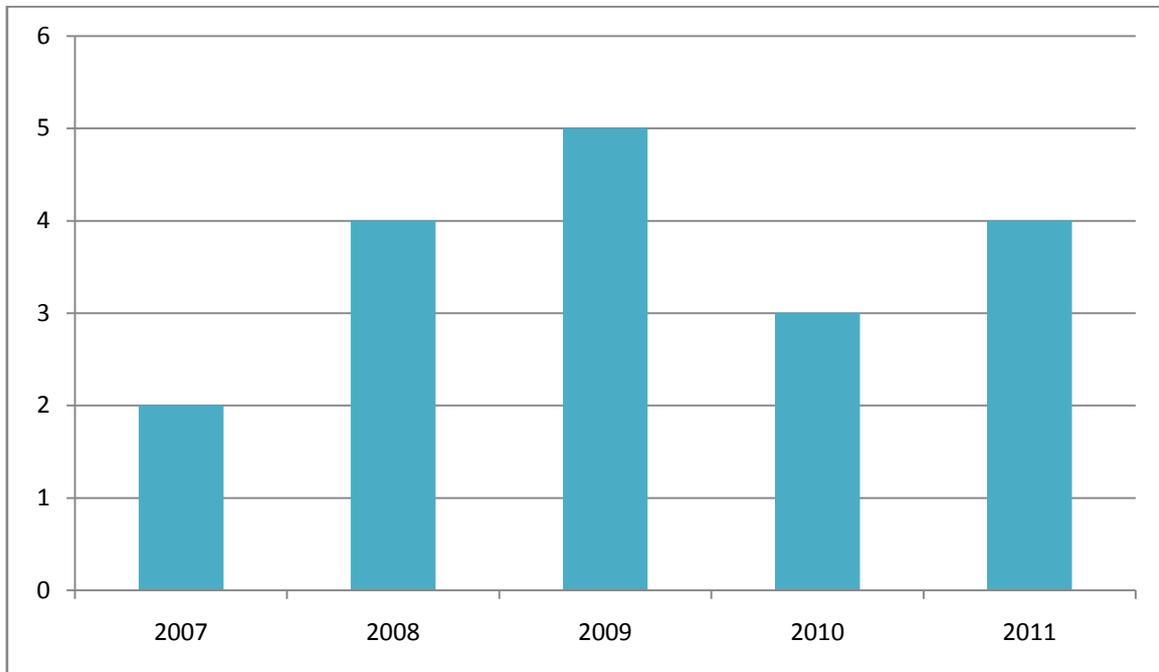
Tabela 3- Classificação dos Periódicos de Publicação, Picos (PI), 2013

variáveis	n
Revista de Saúde Pública ²	
Ciência & Saúde Coletiva	2
Revista de Enfermagem	1
Revista Gaúcha de Enfermagem	1
Revista da Associação Médica Brasileira	1
Paidéia (Ribeirão Preto)	1
Revista Brasileira de Enfermagem	3
Cadernos de Saúde Pública	2
Revista da Escola de Enfermagem da USP	1
Escola Anna Nery ¹	
Revista Paulista de Pediatria ²	
Revista Brasil de Geriatria e Obstetrícia ¹	

Conforme a tabela 3 mostra, as publicações de trabalhos são muito diversas e um mesmo tema pode ser encontrado em vários periódicos de publicação, como neste caso, onde, foram encontrados artigos para este tema em 12 revistas diferentes. A revista com mais publicação foi a Revista Brasileira de Enfermagem com 3. Esse periódico é classificado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como QUALIS A2. Isso é muito importante, porque uma revista de qualidade que aborda o tema e eleva o nível da discussão. As Revistas de Saúde Pública, Caderno de Saúde Pública também são classificadas como QUALIS A2, já as revistas Ciência e Saúde Coletiva e Revista Paulista de Pediatria são classificadas como B1.

O Gráfico1 explicita os anos de publicações com suas respectivas quantidades de artigos.

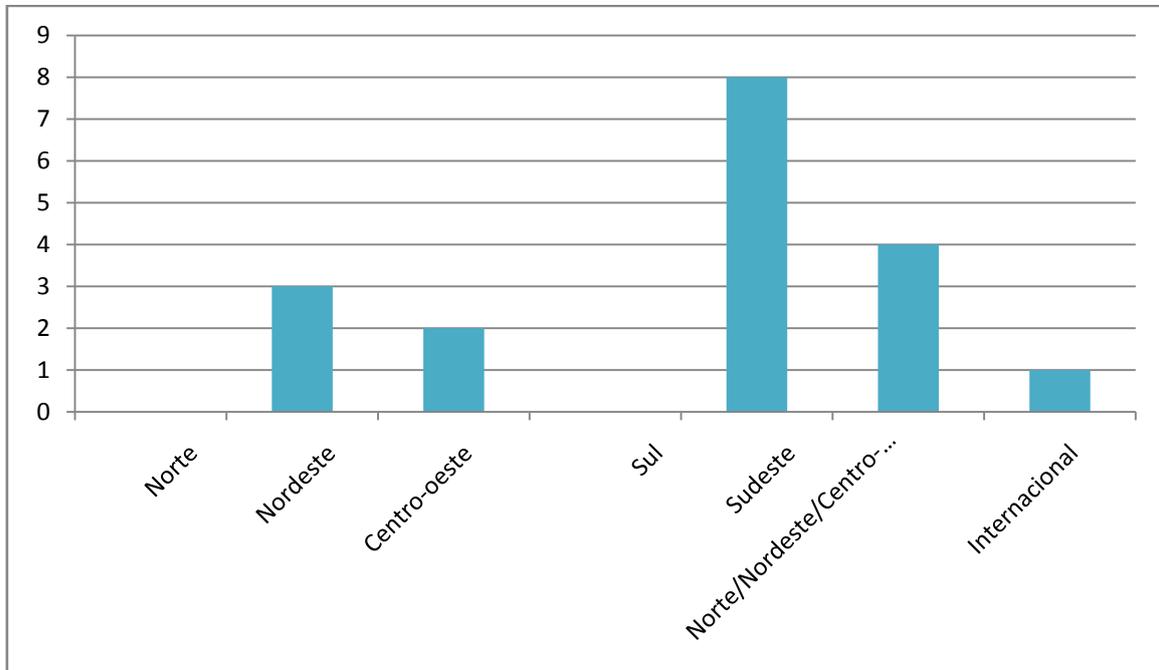
Gráfico 1 – Categorização quanto aos anos de publicação, Picos (PI), 2013



O Gráfico 1 demonstra que cinco artigos desta pesquisa foram publicados em 2009, sendo o mais alto quantitativo. Porém, em 2010, com apenas três, representou uma pequena quantidade, demonstrando assim uma grande variação nos estudos correlacionados ao tema e a importância do assunto estudado nos dias atuais, refletindo assim a sua relevância para os estudiosos.

O gráfico2 relaciona as Regiões do país com o número de artigos que foram publicados em cada uma deles.

Gráfico 2 – Classificação dos artigos analisados quanto as Regiões do país, Picos (PI), 2013



Representado por 8das pesquisas feitas, a região Sudeste é a região em que os autores mais publicaram no período estudado, esta superioridade está relacionada por ser uma região desenvolvida economicamente e por existir grandes centros de pós-graduação, geradores de conhecimento e grandes centros de informações. Tendo assim uma maior acessibilidade para divulgação de trabalhos.

6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os artigos analisados trazem a vulnerabilidade dos adolescentes para o não uso dos métodos contraceptivos como um problema grave de saúde pública que realmente necessita de um enfoque maior por parte dos profissionais da enfermagem. Sendo necessário o estabelecimento de estratégias que atendam essa população de forma humanizada, personalizada e evidentemente, com qualidade nos serviços. Nesse contexto, o empoderamento do adolescente para a realização de escolhas conscientes ganha enfoque prioritário na criação de novas táticas nas abordagens de educação em saúde. Torna-se assim necessário conhecer primeiramente até que ponto os adolescentes compreendem a contracepção, quais suas práticas e os motivos que os levam a não adotar práticas seguras.

No presente estudo observou-se que entre os 257 artigos, apenas 18 tinham correlação com o tema, o que seria até um número considerável, porém comparado a outros descritores, constatou-se que há uma grande escassez de trabalhos publicados nesta área. Confrontando os descritores adolescente/vulnerabilidade e adolescente/contracepção, ficou evidente que há bem menos produção sobre vulnerabilidade.

No quadro 2 foi possível perceber que as ideias dos autores sobre o tema convergem para três pontos principais: iniciação sexual precoce, falta de informação dos adolescentes e falta de acesso aos serviços de saúde específicos para esta faixa etária.

Diversos estudos apontam que o fato do início da atividade sexual ter ocorrido cada vez mais na adolescência, observou-se assim quanto menor a idade da adolescente ao iniciar a sua vida sexual, menores são os chances de não usar algum tipo de MC e, conseqüentemente, maior a probabilidade de ficar grávida logo nas primeiras relações e de adquirir alguma DST/Aids (SHOR et al., 2000).

Paiva et al. (2008) diz que o início da vida sexual e o uso dos MC têm indicado que os adolescentes tendem a não usá-los quando iniciam a sua vida sexual muito cedo definindo assim a relação em que ocorreu sua iniciação sexual como casual, no caso de adolescentes, quando têm parceiros mais velhos (mais de sete anos) ou de outra geração. Havendo assim diferenças significativas nos padrões de uso dos MC, segundo o tipo de vínculo com o parceiro - definido como casual ou fixo/estável. Esses motivos que estão associados ao uso e ao não uso dos MC tendem a ser muito diferentes em cada uma dessas situações

Constatou-se também que os adolescentes das escolas privadas iniciaram atividade sexual em faixas etárias maiores que os das escolas públicas. Considerando-se que 80% dos adolescentes da escola privada pertencem à classe social alta, então possivelmente o nível socioeconômico tenha influenciado a idade de iniciação sexual. Além disso, observou-se que quanto maior nível educacional, maior será sua postergação a iniciação sexual, facilitando assim o uso de algum método contraceptivo na primeira relação sexual (MARTINS et al., 2006).

Quanto mais precoce a iniciação sexual, menores são as chances de uso de métodos contraceptivos e conseqüentemente, maiores serão suas vulnerabilidades frente ao uso dos MC. Mendonça et al., (2009) diz que da mesma forma, é estabelecida uma correlação entre escolaridade e contracepção: quanto maior o grau de escolaridade do jovem, maiores são as chances de utilização de algum método tanto na primeira relação sexual quanto nas subsequentes.

Alguns estudos discutem a questão da dissociação entre o conhecimento teórico e prático, mesmo entre os adolescentes com mais anos de estudo e informação. Afirmam que apesar de fazerem uso mais adequado dos métodos contraceptivos, não os utilizam na proporção correspondente a seus conhecimentos, existindo uma descontinuidade e negligência, o que demonstra dificuldade em transformar as informações científicas em condutas sexuais saudáveis (MENDONÇA et al., 2010).

Para Dias et al (2010) a utilização de métodos preventivos e contraceptivos não tem, necessariamente, uma relação direta com o conhecimento dos adolescentes. Portanto, envolve outros determinantes, pois os adolescentes demonstraram que a camisinha é o meio mais conhecido, apesar de ser utilizada erroneamente e de modo irregular.

O preservativo, enquanto protetor, contribui para reduzir o risco de infecções adquiridas através da exposição, ressaltando-se que esta eficácia está diretamente associada ao uso correto e regular, bem como à qualidade do preservativo. Alves et al., (2007) afirma que seu uso é, ainda hoje, permeado por tabus e preconceitos. Crenças na promoção da promiscuidade ou na redução da sensibilidade, não aceitação pelo parceiro, ideias equivocadas sobre a sua eficácia.

O conhecimento sobre métodos contraceptivos pode contribuir para que os indivíduos escolham o método mais adequado ao seu comportamento sexual e às suas condições de saúde, bem como, utilizem o método escolhido de forma correta (PANIZ et al., 2005). Assim esse conhecimento deve estar relacionado à prevenção das IST/Aids, gravidez

indesejada, do aborto provocado, da mortalidade materna e de outros agravos à saúde dos adolescentes relacionados à suas vulnerabilidades.

Com relação ao conhecimento, Martins et al. (2006) abordou questões sobre métodos contraceptivos com adolescentes, porém o teor era muito simples e exigiam o mínimo de informação, além disso, não foram abordados todos os métodos contraceptivos existentes e alguns foram, intencionalmente, menos explorados do que outros, baseado na relevância do método para a faixa etária. Dessa maneira, o escore apresentado pelo autor pode ser visto apenas como um indicador do pouco conhecimento e talvez o nível desse conhecimento seja ainda menor do que o evidenciado.

Dias et al. (2010) apresentaram o conhecimento sobre os MC de forma que apenas 8% dos adolescentes referiram ter se protegido na primeira experiência sexual. Quanto ao método mais conhecido, foi o preservativo masculino sendo que a principal razão para a não utilização de tal método está vinculada à diminuição das sensações durante a relação e além de ser o meio mais conhecido é utilizada erroneamente e de modo irregular.

O aprendizado sobre os métodos contraceptivos e a negociação com o(a) parceiro(a) são um desafio na regulação da sexualidade juvenil. Essas questões vêm ganhando gradativa atenção no Brasil devido ao aumento das doenças sexualmente transmissíveis e da Aids nessa faixa etária. A utilização dos MC é o resultado da decisão consciente dos indivíduos a partir de relações vivenciadas por eles e, mais particularmente, em um relacionamento sexual. Esse processo é influenciado pelo conhecimento sobre a prática sexual e suas consequências são ocasionadas pela falta de informação e o não conhecimento dos métodos contraceptivos (DUARTE et al., 2011).

Mendonça et al (2009) observaram que os adolescentes colocam diversos obstáculos para o uso dos métodos contraceptivos, dentre os quais podemos destacar a objeção de seu uso pelo parceiro, o pensar que não engravidaria, ou por não esperar ter relações naquele momento. O comportamento contraceptivo é sempre posterior ao início do relacionamento sexual com a parceira. Alega-se que é atribuição exclusiva da mulher a responsabilidade com relação à vida reprodutiva, sendo que a imprevisibilidade e a falta de planejamento das relações sexuais são os fatores que mais influenciam ao não uso de métodos contraceptivos. A imprevisibilidade da relação sexual também foi citada pelos adolescentes como motivo do não uso dos MC no estudo de Ferreira et al. (2012)

Para o Ministério da Saúde (2009) o uso dos MC cresceu acentuadamente ao longo das últimas décadas alcançando, em 2006, 80,6% no grupo de mulheres com idades entre 15 e 44 anos (8.707 entrevistas em 2006). Segundo a terceira edição (2006) da Pesquisa Nacional

de Demografia e Saúde (PNDS). Apenas dois métodos — a pílula e a esterilização feminina — responderam por mais de dois terços da contracepção. Dados da PNDS 2006 revelaram aumento na prevalência do uso de anticoncepcionais e de outros métodos contraceptivos (como vasectomia e preservativo) e redução significativa da prevalência da esterilização feminina em comparação aos dados da PNDS 1996.

Em 2006, a escolha do método contraceptivo mostra-se influenciada pela renda. Na classe de mais baixa renda e nas mulheres de menor escolaridade, ainda predominam o não uso de qualquer método (26,3%) e a esterilização feminina (32,3%). O uso de anticoncepcionais ocorreu em 27,4% de todas as mulheres em conjunto. Outros métodos (DIU, diafragma, injeções e outros) foram escolhidos por 7%. (BRASIL, 2009)

Alves, et al. (2009) analisamos falhas, esquecimentos ou não uso de os MC pelas adolescentes, que tiveram IST e gravidezes imprevistas. Argumentam que tais injunções só podem ser compreendidas como "momentos de vulnerabilidade" em um contexto social e relacional específico. Bahamondes(2011) relata que a característica mais marcante é o fato da necessidade de ingestão diária que leva ao esquecimento frequente, com aumento da taxa de falha contraceptiva, porém é um método muito fácil de usar.

Os autores brasileiros publicaram artigos nas regiões, sudeste, centro-oeste, nordeste, com superior publicações os autores da região sudeste com 8, seguido dos estudos multicêntricos com 4 e apenas uma 1 publicação internacional. Os estudos no Piauí vêm destacando-se com ênfase as vulnerabilidades dos adolescentes frente ao uso dos MC sobre a sua saúde sexual e reprodutiva. Os profissionais de diversas áreas, principalmente os da saúde, mostraram-se preocupados com a temática, sugerindo estratégias de vida sexual e reprodutiva de forma saudável onde se concluiu que está temática precisa ser mais discutida de uma forma mais ampla no contexto político.

Quanto ao tipo de estudos, o transversal projetou-se como o mais usado. Durante a leitura dos 18 artigos observou-se que o estudo pesquisa-ação contemplou de forma mais abrangente o contexto dos adolescentes. O uso da pesquisa-ação facilita a execução de atividades educativas, sobretudo por possibilitar a interação entre os atores sociais, pesquisadores e a construção coletiva do conhecimento. Ao mesmo tempo, favorece a formulação de um plano de ação conjunto entre indivíduos e estudiosos (GRITTE Met al., 2008).

Em relação aos locais de investigação visto neste estudo as escolas foi o local onde foram feitas mais pesquisas (7). Tal fato deve-se ao grande número de adolescentes encontra-

sematriculados nas escolas e com essa medida a evasão da amostra torna-se mínima e o ambiente possibilita ao participante liberdade e tranquilidade, assim tornando a pesquisa a mais fidedigna possível.

Se a anticoncepção não é uma tarefa fácil para o adulto, torna-se ainda mais complexa para o adolescente. Guimarães et al (2003) diz que a utilização de qualquer método contraceptivo constitui um produto de decisão das relações existentes entre os vários subprocessos experimentados pelos indivíduos em sua vida. Desse modo o uso dos métodos contraceptivos contrasta com a dificuldade no acesso e a limitação da informação sobre a ampla variedade dos MC existentes.

Alves et al.,(2009) dizem que, os jovens não encontram espaços preparados para recebê-los nas unidades de saúde. Os profissionais de saúde nem sempre estão habilitados para atender as demandas desse público, criando uma situação de distanciamento que dificulta a difusão do conhecimento, a troca de experiências e a realização de uma assistência pautada pelo diálogo e acolhimento.

Um dado que chama a atenção no perfil de utilização de serviços de saúde como fonte de obtenção de informações sobre anticoncepção é que a maioria dos adolescentes que utilizam os MC referiu não ter obtido informações sobre anticoncepção em nenhum serviço de saúde público ou privado quando escolheu o último método utilizado, indicando que a escolha não foi orientada por nenhum profissional de saúde(PANIZ et al., 2005).

Para Dias et al. (2006), a educação sexual não deve se limitar a fornecer informações sobre o funcionamento do aparelho reprodutor e/ou sobre os métodos disponíveis de prevenção às DST e à gravidez. Devem-se preparar mais amplamente os jovens para o ingresso na vida sexual adulta, aumentando as possibilidades de reflexão sobre os diferentes eventos e situações que poderão experimentar, a fim de torná-los mais habilitados para enfrentar os desafios próprios das relações afetivo-sexuais.

Guimarães et al. (2003) afirmam que a vida sexual dos adolescentes é uma realidade inegável, o que torna imprescindível sua conscientização e orientação, a fim de evitar DST/Aids, gravidez não planejada e propiciar maior responsabilidade sobre a anticoncepção, uma vez que esse grupo necessita de informações concretas acerca do assunto.

Brandão (2009) relata que existem alguns dilemas na escolha correta no uso dos MC, em geral os métodos mais recorrentes encontrados entre os adolescentes são: preservativo, pílula e, em menor escala, o coito interrompido. O dispositivo intrauterino (DIU) ainda é pouco utilizado dentre os jovens. A opção pelos métodos de barreira ou naturais (uso do preservativo, coito interrompido) provoca muitas reclamações entre os jovens: a borracha

causa irritação em algumas parceiras, alergias, “quebra o clima” da relação, interrompe o fluxo natural da sensação de prazer. Segundo referido pelo autor os adolescentes ficam vulneráveis à gravidez imprevista devido à irregularidade e seletividade no uso dos MC.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dos estudos mostram as variáveis estudadas, analisadas e descritas, em forma de tabela, quadro ou gráficos descrevendo-se sempre os aspectos mais relevantes de cada uma. Os artigos selecionados eram ricos em informação sobre o tema e forneceram dados que são de grande valor para a pesquisa.

No decorrer da pesquisa pode-se perceber várias situações similares às vivenciadas na graduação, visto que durante os estágios em quanto acadêmico, as adolescentes relatavam usar os MC de forma correta na sua vida sexual. Porém nem sempre utilizavam de forma regular, já que muitas vezes acabavam engravidando novamente ou contraindo algum tipo de DST, conforme se observou no campo de estágio.

Os artigos constataram que os adolescentes necessitam de mais informações sobre o uso dos métodos contraceptivos, sendo importante que não só conheçam suas opções, como características de cada método. A falta de informações sobre MC é particularmente importante, pois o número de adolescentes com DST e gravidez na adolescência vem se elevando, trazendo muitas complicações que recairão não somente sobre os adolescentes, especialmente a mulher, bem como para a criança, a família e toda a sociedade.

A escola, família e as unidades de saúde devem atuar de forma integrada, de modo que o trabalho educativo encontre, na prática, o devido respaldo para transformar conhecimentos em atitudes e atitudes em comportamento, com a criação de oportunidade para que os adolescentes não só conheçam os MC, mas reflitam sobre as questões biopsicossociais ligadas ao tema. Os educadores (professores, família e profissionais de saúde) poderão promover ambientes saudáveis éticos e de respeito mútuo, bem como promover a integridade e a qualidade de vida desse grupo populacional.

Pretende-se publicar esta pesquisa em eventos científicos da enfermagem através de periódicos da área e também levar o estudo ao conhecimento dos interessados para que sirva como subsídio de conhecimento à vulnerabilidade dos adolescentes para o uso dos MC. E também possa estar disponível aos estudantes de enfermagem como fonte de pesquisa do tema.

Esperamos que este estudo possa contribuir para formação de um corpo de conhecimento próprio da enfermagem, que possa vir a subsidiar a tomada de decisão do enfermeiro no que tange a promoção de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes.

Então se considera de extrema necessidade um trabalho sócio educativo e preventivo por parte da Enfermagem dando assim orientações sobre os MC e os riscos

advindos de relações sexuais desprotegidas entre os adolescentes nas escolas e nos seus meios sociais, considerando-os agentes transformadores dessa realidade.

Por fim, outros estudos poderão ser feitos, podendo assim conhecer melhor a realidade das problemáticas que cercam a vulnerabilidade dos adolescentes. A pesquisa sobre o assunto é essencial para que através das informações fornecidas por tal estudo seja possível uma investidora em soluções de problemas que serão conhecidos e que com isso forneça um avanço para o planejamento de suas dissoluções.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.A.; BRANDÃO, E.R. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes jovens: interseções entre políticas públicas e atenção a saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**. v. 14, n. 2, 2009.

ALVES, et al., Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitárias. *Rev Bras Enferm*. v. 1, n. 61, 2007.

BORGES, A.L.V. et al., Práticas contraceptivas entre jovens universitários: o uso de anticoncepção de emergência. **Caderno de Saúde Pública**, v. 26, n. 4 2010.

BRASIL. Resolução 196/96. Decreto nº 93.933 de janeiro de 1987. Estabelece critérios sobre pesquisas envolvendo seres humanos. **Bioética**. Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 15-25, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006. Brasília: Ministério da Saúde, p.583, 2008.

BRANDÃO, E.R. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 4, 2009.

BAHAMONDES, L. et al. Fatores associados á descontinuação ao uso de anticoncepcionais orais combinados. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 33, n. 6, 2011.

Brasil Acelera Redução de gravidez na adolescência. Disponível

em: <http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=124&CO_NOTICIA=11137>. Acesso em 05/10/2012 às 10:00 h.

Classificação dos periódicos no qualis/capes. Texto extraído de: WebQualis Organizadora:

Vilma Costa Bastos Bibliotecária ICS/UFPAD Disponível em:

<http://www.biblioteca.ics.ufpa.br/arquivos/QUALIS-rev_26_11.pdf>. Acesso em 08/04/13 às 09:00 h.

CARRENO, I. et al. Uso dos métodos contraceptivos entre mulheres com vida sexual ativa em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad de Saúde Pública**. v. 22, 2006.

CIRINO, F. M. S. B. et al., Conhecimento, Atitude e Práticas na Prevenção do Câncer de Colo Uterino e HPV em Adolescentes. **Esc Anna Nery Rev Enfermagem**, v. 14, n. 1, 2010.

COSTA, N. F. P. et al. Acesso á anticoncepção de emergência: velhas barreiras e novas questões. **Rev Brasileira Ginecologia Obstetrícia**. v. 30. n. 2, 2008.

DIAS,F.L.A.et al. Riscos e vulnerabilidades relacionados á sexualidade na adolescência. **RevistaEnfermagem UERJ**, v. 18, n. 3, 2010.

DUARTE,H.H.S. et al. Utilização dos métodos contraceptivos por adolescentes do sexo feminino da Comunidade Restinga e Extremo Sul.**Revista Paulista de Pediatria**,v. 29, n. 4, 2011.

FERREIRA, R. A. et al. Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 2, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed . São Paulo:Atlas, 2010

GUIMARÃES, A. M. N. et al. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **RevLatAm de Enfermagem**.v. 11. n. 3, 2003.

GRITTEM, L.; MEIER, M. J.; ZAGONEL, I.P.S. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Texto contexto enferm**,2008.

GURGEL, M. G. I. et al, Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev. Enfermagem**, v. 12, n. 4, 2008.

KOERICH, M. S. Sexualidade, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Contracepção: Atuação da Enfermagem com jovens de Periferia. **Rev Enfermagem UERJ**. v. 18, n. 2, 2010.

LOBIONDO-WOOD, G. Pesquisa em enfermagem, métodos, avaliação crítica e utilização. 4 ed., 2001.

MARTINS,L. B. M. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Rev Saúde Pública.** v. 40. n. 1, 2006.

MARINHO, L. F. et al. Práticas contraceptivas e iniciação sexual entre jovens de três capitais brasileiras. **Cad Saúde Pública,** v. 25, 2009.

MENDONÇA,R.C.M.; ARAÚJO, T.M.E.Métodos contraceptivos: a prática dos adolescentes das escolas agrícolas da Universidade Federal do Piauí.**Escola Anna NERY,** v. 13, n. 4, 2009.

MENDONÇA, R.C.M.;ARAÚJO,T.M.E. Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes.**Revista Brasileira de Enfermagem,** v. 63, n. 4, 2010.

MENEGAZZO, V. **Piauí ainda apresenta alto índice de gravidez na adolescência.** 2008. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/geral/piaui-ainda-apresenta-alto-indice-de-gravidez-na-adolescencia-58863.html>>. Acesso em 24/05/2011 às 10:00 h.

NERY, I. S. et al. Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, PI, Brasil. **RevBrasEnferm.** v. 64, n. 1, 2011.

NETO,F.R.G. X.et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. **RevBrasEnferm.**v. 60, n. 3, 2007

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Conclusiones de las discusiones sobre juventud. 42ª asamblea Mundial de La Salud. Ginebra,1989.

PAIVA,V.et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Revista de SaúdePública,** 2008.

PANIZ, V. M. V. et al. Conhecimento sobre anticoncepcionais em uma população de 15 anos ou mais de uma cidade do Sul do Brasil.**Cad Saúde Pública.**v. 21. n. 6, 2005.

PESQUISA NACIONAL DE DEMOGRAFIA E SAÚDE. **Atividade Sexual**. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/pnds/atividade_sexual.php>. Acesso em: 20/03/2013 à 10:00h.

POLETTO, M. et al. Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. **Ciência e saúde coletiva**. v. 14, n. 2, 2009.

ROCK, E.M et al. Rose by any other name? Objective knowledge, perceived knowledge, and adolescent male condom use. *Pediatrics*, 2005

SCHOR, N. et al. Mulher e anticoncepção: conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais. **Cad Saúde Pública**, v. 16, n.2, 2000.

SPINDOLA, T. et al. As gestantes adolescentes e o emprego dos métodos contraceptivos. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**. v. 4, n. 1, p. 2636-46, 2012.

SILVA, P. F. R. Revisão bibliográfica sobre fatores de riscos para hipertensão. Universidade Federal do Piauí, 2011.

SOUSA, M. C. R.; GOMES, K. R. O. Conhecimento objetivo e percebido sobre contraceptivos hormonais orais entre adolescentes com antecedentes gestacionais. **Cad. Saúde Pública**, v. 25, n. 3, 2009.

SOUSA, R. A. Marcos Normativos da Anticoncepção de Emergência e as Dificuldades de sua Institucionalização nos Serviços Públicos de Saúde. **Revista de Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Secretaria de assistência á saúde / Departamento de atenção básica – **DATASUS, Série Histórica das Informações de Acompanhamento de Crianças e Gestantes**. SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica. Picos – Piauí, 2011.

VIEIRA, L. M. et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant**. v. 6, n. 1, 2006.

YAZLLE, M. E. H. D, Gravidez na adolescência: uma proposta para prevenção. **Revista Bras Ginecologia Obstetrícia**, v. 31, n. 10, 2009.

ANEXOS

ANEXO A- INSTRUMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Nº _____

1 Data de captura do artigo

_____/_____/_____

2 Base de dados

3 Ano de publicação

4 Local de investigação

5 Periódico de publicação

6 Tipo de estudo

7 Região do país
